



A COLUNA PRESTES: AMPLITUDE E ASPECTOS MILITARES

Floriano Peixoto Vieira Neto

Após uma apreciação sintética sobre a Coluna Prestes, o autor examina seus antecedentes, destaca sua amplitude e seus aspectos militares, identificando, nestes, uma relativa correspondência com a doutrina de guerra atual do Exército Brasileiro.

INTRODUÇÃO

A década iniciada em 1920 foi rica em movimentos insurreccionais, com o intuito de eliminar vícios do período republicano, instaurado no Brasil a partir de 1889.

O controle do governo por grupos oligárquicos regionais e a situação política, econômica e social do País promoveram o ambiente de insatisfação da classe média, que passou a aspirar mudanças nas instituições nacionais.

E nesse clima de efervescência, que uma parcela da oficialidade jovem do Exército decide rebelar-se, passando a

representar o inconformismo com a estrutura vigente no Brasil.

Suas manifestações ficaram patentes nas rebeliões de 1922 e 1924, as quais originaram a motivação, o ideário e os personagens do movimento que materilizaria a determinação revolucionária dos "tenentes", em âmbito nacional: a Coluna Prestes.

A Coluna Prestes empreendeu façanha de grande projeção, destacou fatos e homens nos cenários brasileiro e internacional, deixando, ao término de sua aventura, uma dúvida: lograra êxito ou fracassara? Entretanto, a despeito da opinião sobre o seu desempenho, ela se

destaca por sua amplitude, pela perseverança em atingir seus objetivos, e pelos aspectos militares evidenciados durante a campanha. Seus feitos tiveram ampla repercussão e alcançaram notoriedade na política nacional, culminando com a participação dos "tenentes" na revolução que empossou Getúlio Vargas na presidência da República, em 1930, e que extinguiu os privilégios das oligarquias dominantes.

ANTECEDENTES

"A força armada não jura fidelidade incondicional aos agentes constituídos. Jura, sim, obediência à Constituição."
(Capitão Juarez Távora)

O Cenário da Época

A República Velha¹ herdou, da Monarquia, aspectos de natureza política, econômica e social que, ao lado dos reflexos da conjuntura internacional no País, influiria, de forma variável, nos movimentos insurrecionais dos anos 20.

Os traços mais característicos desse período foram, por certo, o "coronelismo" e a política "dos governadores".

O "coronelismo" representava a expressão autoritária do latifundiário. Com elevado prestígio político-regional,

principalmente sobre as populações interioranas, era ele quem, praticamente, conduzia o processo eleitoral, fraudulento e coercitivo, assegurando a vitória de seus candidatos, mediante o chamado "voto de cabresto".

A grande manifestação desse poder residia na capacidade de o "coronel" recrutar e manter grupos armados em sua área de influência, em troca de apoio prestado a integrantes das milícias, estabelecendo, de tal forma, um sistema sócio-político de características semi-feudais.

A política dos "governadores", instituída no governo do Presidente Campos Sales (1909), tinha como fim assegurar, aos governos oligárquicos estaduais, eleições sem oposição, mediante apoio ao candidato escolhido pela "situação" para disputar a presidência da República. Com esse esquema, percebe-se que era quase impossível as oposições chegarem ao poder pacificamente. O próprio critério de escolha dos candidatos, entretanto, resultou em dissidentes que, mais tarde, viriam a se aproximar dos militares em busca de uma identificação que consolidasse interesses comuns.

Quanto à conjuntura internacional, destaca-se a eclosão do conflito mundial, em 1914, que abriu possibilidades de desenvolvimento industrial no País, resultando no surgimento de um novo componente na força produtiva nacional — o operariado. Mas, apesar da organização e do embasamento ideo-

1. Período compreendido entre a Proclamação da República, em 1889, e a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência, em 1930.

lógico do setor operário, integrado por imigrantes anarquistas e, posteriormente, por comunistas, esse segmento social deixou de ser aproveitado pelos revolucionários da década de 20, por receio do radicalismo que poderia advir da sua participação. Não havia afinidade revolucionária que os unisse, uma vez que a bandeira de luta empunhada pelos "tenentes" era desprovida de quaisquer ideologias e pretensões contestatórias ao regime político em vigor.

O Exército Brasileiro no Início do século XX

O Exército terminou o período monárquico fortalecido e ingressou na República como um de seus sustentáculos. Sobre essa situação de prestígio militar, declarou Joaquim Nabuco: "No dia em que se proclamou a República, podia-se perceber que a nação queria um governo militar, para poder manter a unidade, porque o espírito militar prevalecia de um canto a outro do país, vale dizer, tinha amplitude nacional (...), já que o Exército está acima das ambições pessoais que se expressam nas lutas partidárias."²

Todavia, a capacidade operacional da Força estava seriamente comprometida, em virtude das precárias

condições em que se encontrava, como resumiu o próprio Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras: "Instrução nula. Campos de exercício inexistentes. Pás e picaretas, em número ridículo. Ades- tramento, nenhum."³

O preparo profissional estagnara na Guerra da Triplice Aliança, sem que a experiência adquirida fosse perpetuada e difundida nas Escolas Militares, cujo esforço maior passou a ser em torno do estudo das ciências, do humanismo e do pacifismo, em detrimento de sua verdadeira essência, o profissionalismo.

A difícil campanha de Canudos veio comprovar o despreparo do Exército e alertou os chefes militares sobre a necessidade de se promoverem alterações que pudessem retirar a Força Terrestre do marasmo e do atraso, espelhando-se no estágio de desenvolvimento alcançado pelas instituições militares de outros países.

A reforma militar empreendida pelo marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra no governo de Afonso Pena (1906-1909), instituiu, assim, entre outras medidas: o serviço militar obrigatório, a criação de tiros-de-guerra, a formação de oficiais centralizada pela Escola Militar de Realengo e o envio de oficiais à Alemanha, com a finalidade de colher ensinamentos para a modernização do Exército.

2. HAYES, Robert A. Nação Armada, página 79.

3. SILVA, Egdio M. de Castro E. À Margem do Ministério Calógeras: Memórias. Rio de Janeiro, s.d., pág. 58 ap. Prestes, Anita L., ob. cit. pág. 75.

Esses oficiais, que ficaram conhecidos como "jovens turcos", após regressarem do exterior, passaram a engrossar as fileiras modernizadoras, com os conhecimentos adquiridos nos corpos-de-tropa do exército alemão, despertando uma nova consciência profissional no seio de sua Força.

O desenvolvimento profissional atingido na tropa contrastava, porém, com a instrução militar ministrada, ainda de forma ortodoxa, na Escola Militar do Realengo. E o problema só foi equacionado com a seleção, por concurso, de instrutores capacitados, que passaram a compor a denominada "Missão Indígena", inspirada nos ideais reformadores dos "jovens turcos".

Ao término da 1ª Guerra Mundial, da qual a França saíra vitoriosa, o governo brasileiro decidiu contratar uma missão militar desse país, para promover alterações que substituíssem a doutrina germânica, derrotada no conflito.

Dentre os diversos trabalhos e modificações procedidos pelas comissões de instrutores da Missão Francesa, destacaram-se: a reestruturação das escolas do Exército (exceto a Escola Militar do Realengo); a caracterização da primazia do fogo sobre o movimento, na concepção de manobra tática, ficando o segundo num plano secundário; e a implantação do método para tomada de decisões baseado na "missão, inimigo, terreno e meios".

Assim, o Exército Brasileiro chegava à segunda década mais preparado,

voltado para a profissionalização, embora ainda distante do estágio de desenvolvimento alcançado pelas forças terrestres de nações mais avançadas.

Cabe mencionar o caráter apolítico do pensamento da maioria dos oficiais do Exército, os quais, irmanados pelo ideal de profissionalismo difundido pelos "jovens turcos", passaram a abster-se das questões públicas, certos de que não cabia à Força Terrestre ingerência nos assuntos do governo. Entretanto, a influência positivista difundida na Escola Militar do Realengo, pelo coronel Benjamin Constant, anterior à ação dos "jovens turcos", concorreria para o surgimento de uma mentalidade de "salvação nacional" entre alguns oficiais menos graduados, cuja expressão clausista adquiriria, mais tarde, a designação "tenentismo".

O "tenentismo"

A denominação "tenentismo" decorre da participação de oficiais jovens do Exército nos diversos movimentos contestatórios que ocorreram no Brasil, a partir de 1922.

Caracterizado pelo elitismo, pelo messianismo, não se ligando ideologicamente a qualquer classe social, o movimento "tenentista" surgiu como repúdio às instituições da República Velha, baseado na convicção de que os militares eram os únicos capacitados a resgatar a Pátria da corrupção, do descabro admi-

nistrativo, do falseamento da verdade eleitoral e do suborno.

O marco inicial da campanha revolucionária dos "tenentes" aconteceu no dia 5 de julho de 1922, com o levante do Forte de Copacabana. Correspondeu a uma radical manifestação dos oficiais jovens contra a situação da época, agravada com a deterioração do relacionamento entre os militares e o Presidente Epitácio Pessoa.

A rebelião foi sufocada e, dos dezoito insurretos que saíram do Forte na "marcha para a morte" na Av. Atlântica, só sobreviveram os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes. Mas, do sangue derramado em Copacabana, fortaleceu-se o espírito revolucionário dos "tenentes" que, sem esmorecerem com a primeira derrota, persistiram na luta, imbuídos dos mesmos ideais, fazendo eclodir revoltas que, se não desestabilizaram o governo, pelo menos caracterizaram, de forma bastante radical, a insatisfação com os descabros políticos da época. As revoluções que ocorreram no ano de 1924 em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e que resultariam, em 1925, na Coluna Prestes, marcaram o continuísmo dos ideais tenentistas e sua disposição de recorrerem às armas para derrubar as velhas instituições.

O movimento "tenentista" forneceu as condições necessárias à eclosão da Revolução de 1930, quer pela sua influência na formulação dos objetivos pretendidos, quer pela participação

direta daqueles revolucionários que, até bem pouco tempo atrás, empreendiam, em grande amplitude, uma façanha que os tornaria símbolos místicos de coragem e determinação. Por isso, pode-se dizer que a Coluna Prestes foi o mais importante instrumento de difusão dos ideais "tenentistas" e a Revolução de 1930 a expressão máxima desse movimento.

Essa participação se fez presente, ainda, em vários momentos da vida nacional, culminando com a Revolução Democrática de 31 de março de 1964, quando aqueles oficiais repudiaram, com o mesmo pensamento de outrora, as pretensões comunista em relação ao País.

AMPLITUDE DA COLUNA

"Quem luta vence, quem não luta se escraviza" (Tenente João Cabanas)

Visão política

As bandeiras de luta levantadas pela Coluna Prestes durante sua marcha pelo País visavam, em essência, à derrubada do sistema política vigente e à implantação de um governo "justo", "honesto" e "moralmente" aceito pelo povo, ideais revolucionários consagrados pelos "tenentes".

Já no comunicado dos chefes da revolução de São Paulo, em 1924, constava: "Ela [a revolução] traz como um dos seus objetivos a substituição do

atual governo da República, por entenderem, os seus chefes e orientadores, que esse governo não está à altura dos destinos do País e que, por fatos cuja citação é desnecessária, por muito notórios, tem demonstrado praticamente ser a continuação dos governos eivados de vícios que têm dirigido o Brasil nestes últimos lustros."⁴

Pretendiam os Revolucionários, ainda, conforme manifestos distribuídos à população em 1924:⁵ a revogação da lei de imprensa, a anistia para os revoltosos, a imediata suspensão do estado-de-sítio, o restabelecimento da forma de governo republicano, e a obrigatoriedade do ensino primário e profissional, entre outros.

A Coluna Prestes tencionou tomar-se uma nova alternativa de rebelião militar, cujo objetivo seria levar a revolução ao maior número de Estados, sob a forma de conflito prolongado, conscientizando populações, a fim de enfraquecer e impopularizar o governo. Satisfeitas essas condições, os revolucionários dirigir-se-iam para o Rio de Janeiro e procederiam à derrubada do presidente Artur Bernardes.

É oportuno que se destaque, contudo, nos ideais revolucionários da Coluna Prestes, a ausência de qualquer enfoque

ou tendência que possa caracterizá-la como um movimento de natureza comunista.

O que se pretendia alcançar, como já apresentado, era a derrocada das oligarquias dominantes, mantendo inalterado o regime democrático em vigor.

Todavia, apesar de a Coluna ser, na expressão dos revolucionários, a chama que mantinha a revolução, nunca conseguiu mais que uma sensibilização superficial das populações para as quais se voltava. Elas não acorreram ao chamado dos "tenentes", não se colocaram sob sua proteção para, juntos, porem nos eixos uma República que "nascera bem", mas que se "desvirtuara" no meio do caminho.

A Coluna Prestes correspondeu a um prolongado protesto contra a conjuntura nacional, mas, em nenhum momento, chegou a ameaçar seriamente os fundamentos políticos, sociais e econômicos da sociedade brasileira. E várias razões contribuíram para que isso ocorresse.

A própria ação do governo, difamatória, intimidativa e, não raramente, coercitiva, dificultava a aceitação popular da Coluna, embora nem sempre a disposição repressiva do Exército se caracterizasse. A preferência pelo interior, onde as condições sócio-econômicas das populações eram mais precárias, fazia com que o discurso liberal, e às vezes vago, dos "tenentes" não sensibilizasse as camadas menos esclarecidas e subjugadas ao domínio

4. CARONE, Edgard. O Tenentismo, pág. 272.

5. Mensagem aos cariocas e fluminenses dos rebeldes de São Paulo em 20 Jul 24; proclamação dos militares rebeldes em São Luís Gonzaga (RS), distribuída em 29 Out 24.

dos "coronéis". Além do mais, a mobilidade da Coluna e a visão elitista dos seus comandantes dificultavam a "operação-presença" e a arregimentação de grandes efetivos civis para reforçarem o contingente revoltoso.

Entretanto, a própria sobrevivência da Coluna Prestes, em sua marcha pelo Brasil a fora sem ser derrotada, proporcionou uma maior amplitude revolucionária, pois acabou sendo fator decisivo para que, em diversos pontos do País, viessem a eclodir outros levantes.⁶

A formação da Coluna Prestes

● A revolução em São Paulo e a Coluna Paulista

Decorridos, exatamente, dois anos do início do movimento "tenentista" em Copacabana, os revolucionários decidiram reiniciar a luta, desta vez na cidade de São Paulo.

As razões imediatas que provocaram o levante foram, principalmente, o ideal "tenentista" mantido pelos líderes atuantes⁷ e a indignação quanto à sentença judicial imposta, sob pressão do Presidente da República, aos implicados na revolução do Rio de Janeiro, qual seja, a perda da patente e a exclusão do Exército.

Sob o comando do general Isidoro Dias Lopes, a revolução objetivava ocupar rapidamente São Paulo e avançar sobre Santos e Barra do Pirai, isolando, pois, a capital paulista. Entretanto, uma inesperada resistência foi articulada pelo comandante da Região Militar, general Abílio de Noronha, transformando as ruas de São Paulo em verdadeiros campos-de-batalha. Essa circunstância, acrescida dos reforços governistas que acorriam à capital, a inércia das forças revolucionárias e do derrocado intento de isolar São Paulo, definiram o quadro que se seguiu.

Assim, atendendo aos apelos da população e percebendo a inutilidade de se permanecer lutando na capital, o comando revolucionário decidiu abandonar a cidade, em direção ao interior, na madrugada do dia 27 de julho. Era, pois, o rompimento da marcha da Coluna Paulista.

Partindo de São Paulo, a fim de levar a revolução para outras partes do País, esse movimento não lograria êxito em sua marcha e, após um fracassado ataque a Três Lagoas (MS), onde pretendia instalar-se para buscar o apoio das oposições locais e de grupos dissidentes, a Coluna prosseguiu para os sertões paranaenses.

O destino era a região compreendida entre Guaíra e Foz do Iguaçu, onde aguardaria a junção com a Coluna Gaúcha (Fig. 1). Entretanto, grande parte dos revolucionários foi derrotada em Catanduvas (PR), após um sítio de mais

6. São Paulo (1925); Mato Grosso (1925); Rio de Janeiro (1925); Sergipe (1926); Paraíba (1926); Pernambuco (1926); Rio Grande do Sul (1927).

7. Joaquim e Juarez Távora, Eduardo Gomes, Miguel Costa, Ricardo Hall e outros.

de quatro meses, e o restante das tropas, que estava na Serra do Medeiros, sob comando do general Isidoro Dias Lopes,

foi obrigado a se retirar em direção ao Rio Paraná, buscando contato com os gaúchos.

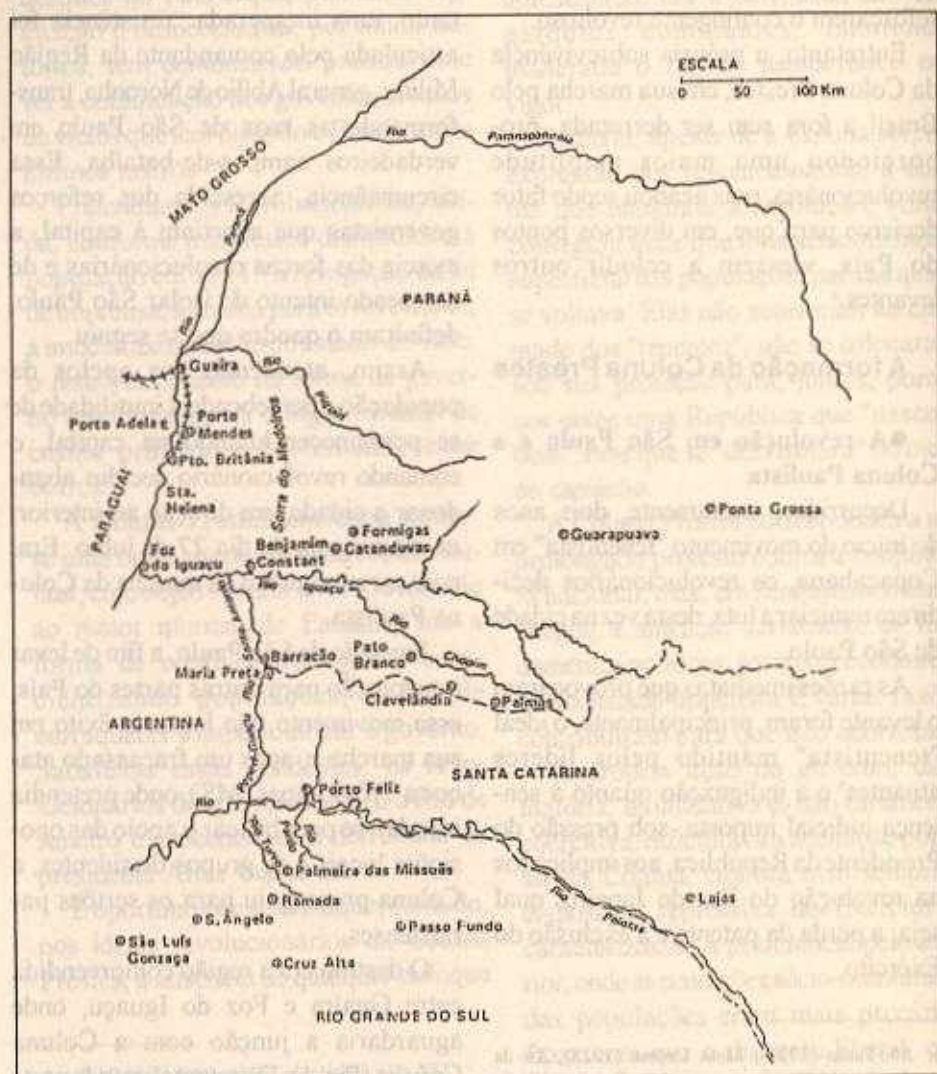


FIGURA 1: Mapa das regiões de SC e PR

●A revolução no Rio Grande do Sul e a Coluna Gaúcha

A conspiração "tenentista", reiniciada em São Paulo, atingiria maior dimensão com a revolução gaúcha, insurgida como prosseguimento da iniciativa paulista.

Dessa vez, maior parcela de civis engrossou as fileiras revolucionárias, em decorrência da insatisfação dos gaúchos libertadores, os "maragatos",⁸ com o poderoso "chimango" Borges de Medeiros, empossado no governo do Estado, em 1922, pela quinta vez. Além do mais, o acordo firmado em Pedras Altas⁹ mostrava-se fugaz e débil, tornando, assim, explosiva a situação política no sul do Brasil.

Esse clima de instabilidade favoreceu a ação dos revolucionários que, em 27 de outubro de 1924, iniciaram os levantes de organizações militares no Rio Grande do Sul.

A ação das forças legalistas, entretanto, foi rápida e enérgica e, apenas na região de São Luís Gonzaga, a revolução conseguiu sobreviver, contando com o 3º Regimento de Cavalaria Independente, o 1º Batalhão Ferroviário e

elementos civis e militares remanescentes de outros levantes.

No comando dos revolucionários, estava o ex-capitão Luiz Carlos Prestes.

Todavia, apesar do isolamento de São Luís Gonzaga no interior do Rio Grande do Sul, a reação legalista era iminente. O Governo Borges de Medeiros, contando com o apoio do Presidente da República, pretendia destruir os revoltosos com grande aparato militar.

Pressentindo que as condições de permanência não eram favoráveis, face ao cerco que se descortinava (mais de dez mil homens, mobilizados para combater suas forças, convergiam de diferentes direções), Prestes decidiu romper o cerco pela zona de São Miguel das Missões, onde a resistência se apresentava menos forte (Fig. 2). Assim, no dia 27 de dezembro, após constituída para prosseguir, a Coluna abandonou o sítio e, sem ser percebida, passou entre as forças inimigas, só travando combate violento mais adiante, na região de Ramada.

Pressionada fortemente por forças legalistas e desfalcada por muitas deserções de civis, a Coluna atingia, em fevereiro de 1925, a cidade de Barracas (SC), fronteira com Argentina (Fig. 1). Nessa região, os gaúchos ousaram realizar uma ofensiva e atacar, pela retaguarda, as tropas do general Rondon, que vinha combatendo os revolucionários paulistas no Paraná.

8. Honório de Leme, Zeca Neto, Leonel Rocha, Júlio Barrios e outros.

9. Acordo firmado em 1923, entre a Aliança Libertadora-coligação de forças opositoras dissidentes do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), chefiado por Borges de Medeiros e este último, estabelecendo a alternância de partidos no governo do estado.

O aborto do apoio dos rebeldes paulistas e de regionais, que seria prestado à Coluna para o referido ataque, concorreu para o insucesso da ofensiva e levou de volta os gaúchos a Barracão. Dessa feita, recalcada por forças legalistas e desgastada pelos reveses anteriores, a Coluna impulsionou sua marcha para o norte e transpôs o Rio Uruguai.

Finalmente, no dia 11 de abril de 1925, na localidade de Santa Helena, concretizou-se o intento concebido pelos revolucionários, meses antes: encontrar com os paulistas, que estavam à sua espera no oeste do Paraná, cercado pelas tropas do general Rondon.

Ocorria assim, com a junção das duas forças, a constituição da Coluna Prestes.

A Grande Marcha

A crítica situação em que se encontravam as forças rebeldes no oeste paranaense, fortemente pressionados pelo general Rondon contra a fronteira, exigia do comando revolucionário imediata providência. A solução encontrada foi internar-se no Paraguai, desbordando o adversário, para, posteriormente, retornar ao território nacional, no Mato Grosso.

A Divisão Revolucionária que iniciou a marcha constituída de duas brigadas, a do Rio Grande do Sul e a de São Paulo, reestruturou-se mais tarde, em Mato Grosso, sob o comando de Miguel Costa,

em quatro destacamentos. Foi recurso adotado para evitar conflitos internos, derivados da diversificação de origens dos revolucionários. Além dos destacamentos, constituíram-se pequenos grupos de patrulheiros — potreadores, que avançaram pela frente e pelos lados, pegando animais, descobrindo o inimigo e iludindo o adversário sobre a direção e a localização do grosso da Coluna.

A organização era perfeita para a guerra de movimento e notava-se, desde logo, a preponderância de Prestes sobre Miguel Costa na direção estratégica, embora este detivesse a autoridade decisória, por ser o comandante da Coluna.

Militarmente constituída, a Coluna Miguel Costa — Luiz Carlos Prestes prosseguiu sua marcha e, encurtada por constantes deserções, alcançava o Mato Grosso, no final de abril de 1925. Do Mato Grosso, passando por Goiás, a Coluna dirigiu-se para o nordeste, atingindo o estado do Maranhão em novembro de 1925, chegando, logo depois, a ameaçar diretamente a cidade de Teresina (PI).

No nordeste, percorrendo vários de seus estados, os revolucionários passaram quase um ano em confronto cerrado com tropas dos latifúndios, forças federais, polícias estaduais, jagunços e até cangaceiros. Para os revolucionários, a essa altura, o sucesso militar já não era tão significativo e os objetivos da Coluna confundiam-se com a sua própria existência. O mais

importante era, portanto, sobreviver, combatendo somente em condições favoráveis, fustigando, desaparecendo e ressurgindo periodicamente. Dessa forma, açoitados pelos adversários, enfraquecidos pela prolongada situação de combate e sem franca adesão por parte dos nordestinos, os revolucionários retrocederam sobre seus próprios passos.

A Coluna, que entrara no Maranhão com cerca de mil homens e atingira a Bahia com duas centenas a mais, chegava de volta a Mato Grosso, em novembro de 1926, com apenas seiscentos homens, desgastados, praticamente desarmados e sem munições.

A experiência revolucionária havia sido árdua e muitas vezes sangrenta: as prisões de camaradas, os combates de Ramada, Catanduva, Zeca Lopes e Piancó,¹⁰ as doenças, a indiferença das populações, a agressividade do meio físico... Fazia-se necessário, pois, reexaminar a situação, pensando em alternativas, meditando sobre os objetivos da campanha revolucionária. E o dilema de outrora voltou à baila: continuar a luta ou emigrar? Qual seria o novo destino dos "tenentes" e de sua Coluna?

10. O combate de Zeca Lopes ocorreu em 30 Jun 25, em Goiás, e foi um dos mais sangrentos de toda a marcha; confirmou a importância da vitória e da prudência para as ações da Coluna Prestes. O combate de Piancó ocorreu em 09 Fev 26, na vila de Piancó, Paraíba, onde a Coluna foi recebida sob forte tiroteio dos moradores e policiais, resultando uma perda de aproximadamente quarenta revolucionários.

Chegou-se, finalmente, ao consenso revolucionário: emigrar para o país mais próximo, a Bolívia. Sobre essa decisão, aborda Anita Prestes: "Alguns dias antes de ingressar na Bolívia, Prestes reuniu os soldados para explicar-lhes as razões por que iam emigrar: embora a Coluna não tivesse sido desbaratada, nem derrotada, não havia sentido em continuar causando tantos sacrifícios às populações das regiões por onde os rebeldes passavam, pois um novo presidente já assumira o poder [Washington Luís], tendo chegado a hora, portanto, de buscar outros caminhos para dar prosseguimento à luta."¹¹

Assim, a 3 de fevereiro de 1927, após percorrer catorze estados brasileiros, aproximadamente vinte e cinco mil quilômetros, a pé, sobre dorso de animais, de barco e em viaturas, a Coluna Prestes entrava na Bolívia (Fig. 3), vencendo a hostilidade do seu último adversário: o pantanal.

Como disse Moreira Lima, o relator da Coluna: "não vencemos, mas não fomos vencidos".¹²

O término da epopéia

Depois de dois anos e meio de luta, a Coluna repousava sem pensar no adversário, aguardando, com expecta-

11. PRESTES, Anita L. A Coluna Prestes, pág. 289.

12. MOREIRA LIMA, Lourenço. A Coluna Prestes (Marchas e Combates), pág. 500.

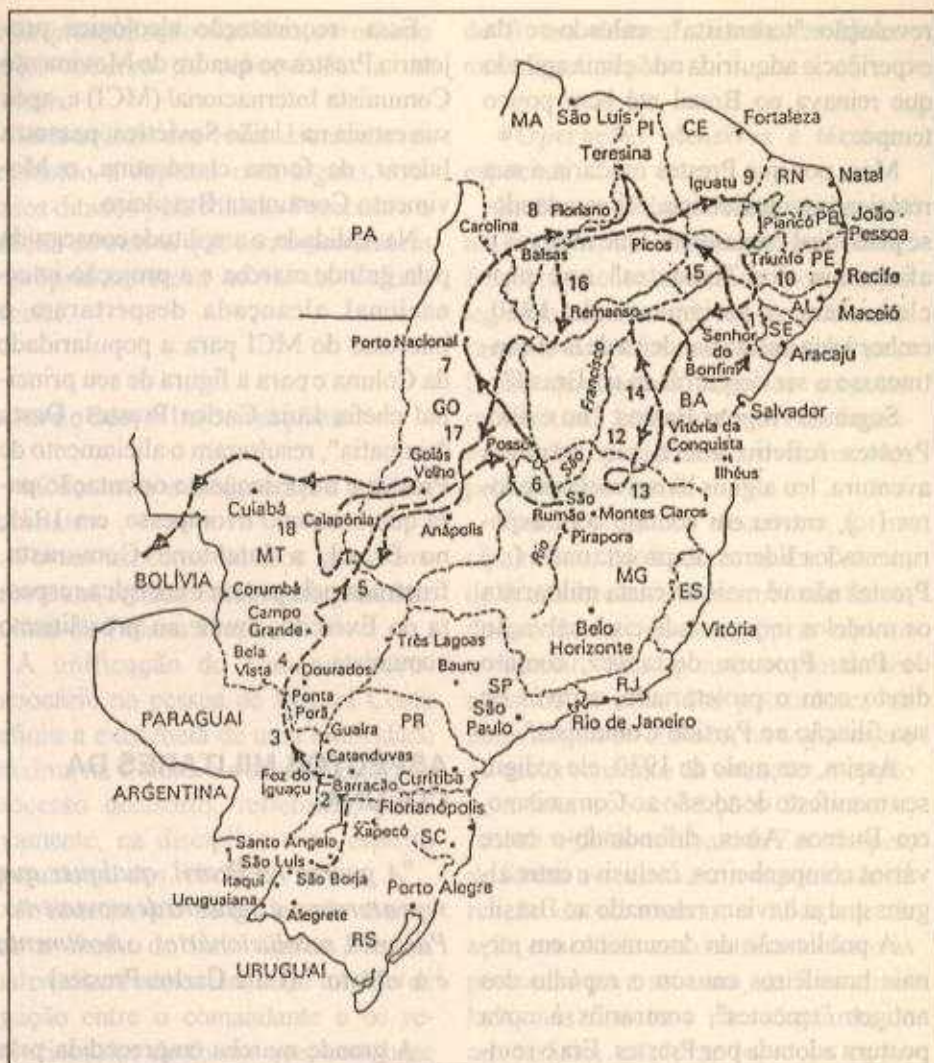


FIGURA 3: A grande marcha

tativa, novas resoluções do comando revolucionário. De La Guaíba, onde permaneceu Prestes com o grosso da Coluna em trabalho servil, deslocou-

se, então, o comando rebelde para Paso de los Libres, Argentina, onde instalou o quartel-general. Articulava-se, no estrangeiro, outra forma de retomar a

revolução "tenentista", valendo-se da experiência adquirida e do clima agitado que reinava no Brasil até bem pouco tempo.

Mas, por que Prestes mudaria a sua retórica revolucionária, enveredando-se pelo ideal comunista? Que motivos o afastaram dos "tenentes" que proclamariam o movimento de 1930, embora sua antiga bandeira de luta continuasse a ser desenrolada no Brasil?

Segundo Abguar Bastos, "no exílio, Prestes refletiu sobre sua estranha aventura, leu alguns livros esclarecedores (...), entrou em contato com experimentados líderes do proletariado (...) Prestes não vê mais na casta militarista os modelos imprescindíveis à salvação do País. Procura, desta vez, contato direto com o proletariado, através de sua filiação ao Partido Comunista".¹³

Assim, em maio de 1930, ele redigiu seu manifesto de adesão ao Comunismo, em Buenos Aires, difundindo-o entre vários companheiros, inclusive entre alguns que já haviam retornado ao Brasil.

A publicação do documento em jornais brasileiros causou o repúdio dos antigos "tenentes", contrários à nova postura adotada por Prestes. Era o rompimento definitivo com os ideais "tenentistas", que seriam revividos na Revolução de 30, e a adesão definitiva ao radicalismo marxista.

Essa reorientação ideológica projetaria Prestes no quadro do Movimento Comunista Internacional (MCI) e, após sua estada na União Soviética, passou a liderar, de forma clandestina, o Movimento Comunista Brasileiro.

Na realidade, a amplitude conseguida pela grande marcha e a projeção internacional alcançada despertaram o interesse do MCI para a popularidade da Coluna e para a figura de seu principal chefe, Luiz Carlos Prestes. Desta "simpatia", resultaram o aliciamento de Prestes e a conseqüente orientação para que o mesmo irrompesse, em 1935, no Brasil, a Intentona Comunista, frustrada pela pronta e enérgica resposta do Exército, imune ao proselitismo comunista.

ASPECTOS MILITARES DA COLUNA

"A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a guerra de movimento. Paranoés, revolucionários, o movimento é a vitória." (Luiz Carlos Prestes)

A grande marcha empreendida pela Coluna Prestes permite a identificação de aspectos militares em relativa correspondência com a doutrina de guerra atual do Exército Brasileiro. São procedimentos que, embora decorrentes da experiência militar anterior dos chefes revolucionários, muitas vezes foram adotados de forma inovadora e sem

13. BASTOS, Abguar. ob. cit. págs. 216-218. Prestes e a revolução social págs. 216-218.

muita preocupação científica, até mesmo como recurso de sobrevivência da Coluna.

Essa atitude dos revolucionários representou a ruptura com alguns conceitos ditados pela Missão Francesa e a adoção de outros que correspondessem à própria natureza móvel da Coluna Prestes.

Operações e Informações

●Comando e organização para o combate

Foram aspectos básicos que comprovaram, fundamentalmente, o caráter militar da Coluna Prestes.

A unificação do comando revolucionário na pessoa de Miguel Costa definiu a existência de uma autoridade máxima na Coluna e a centralização do processo decisório, refletindo, positivamente, na disciplina e no espírito operacional dos rebeldes.

A constituição de um estado-maior, sob a chefia de Luiz Carlos Prestes, materializou a existência de um elo de ligação entre o comandante e os revolucionários de forma que, com base nas informações atualizadas e propostas coerentes, Miguel Costa pudesse tomar rápidas e oportunas decisões.

A maneira como foi reorganizada a Coluna, em destacamentos operacionais, conferiu ao comando revolucionário certa flexibilidade no emprego dos mesmos, possibilitando a atuação

de forma descentralizada em determinadas situações.

●Operações ofensivas e técnicas especiais

Embora a Coluna Prestes tenha sido um movimento de grande amplitude, freqüentemente açoitado por forças legalistas e sem objetivos materiais claramente definidos, sua campanha pelo Brasil demonstrou aspectos com características bem próximas dos fundamentos das operações ofensivas firmados pela doutrina atual.

Essa evidência decorreu, principalmente, do dinamismo da Coluna, do desconhecimento do ambiente físico, da prudência e do seu próprio espírito aventureiro. São alguns exemplos desses aspectos: a ação dos potreadores na manutenção do contato, na segurança e no esclarecimento da situação; a opção pela luta sob condições favoráveis, reconhecida no combate de Zeca Lopes, de forma a neutralizar a capacidade de reação do adversário; a liberdade de ação concedida aos destacamentos e às potreadas para atuarem, de forma isolada, nos flancos e na retaguarda do adversário, explorando, com oportunidade, suas deficiências momentâneas, e a importância do movimento para a aplicação mais eficaz do fogo sobre o inimigo ou para furtar-se deste.

A precariedade de informações sobre o adversário e a mobilidade tática dos rebeldes submeteram, por vezes, a coluna à experiência do combate de encontro.

Para os revolucionários, a sua guerra era de movimento e as suas forças eram "voláteis" — desapareciam subitamente e ressurgiam longe, despercebidas.

Infiltravam-se com frequência e surpreendiam o inimigo, como relata Juarez Távora sobre o combate de Ramada: "Aceitar combate, em semelhante conjuntura tática, seria marchar fatalmente para o suicídio. Impunha-se, portanto, evitá-lo mediante uma manobra (...) Infiltrou, rapidamente, a sua tropa na orla da mata e, aproveitando as sendas (...) logrou sair no campo, entre o inimigo e o grosso revolucionário."¹⁴

Embora as observações feitas até o momento refiram-se ao combate regular, é oportuno ressaltar a opção da Coluna Prestes pela guerra de guerrilha, assumida, principalmente, em decorrência da precariedade de meios, da mobilidade, da fuga ao enfrentamento do inimigo sob condições desfavoráveis e da facilidade do proselitismo político junto às populações interioranas. Daí a amplitude da Coluna Prestes, seus métodos originais de combate e sua preferência por áreas interiores, embora deva ser sempre salientada a despretensão revolucionária em relação à ideologia comunista. Acresce, ainda, o

traço característico do homem brasileiro em adaptar-se às situações de combate irregular, tão bem evidenciado no passado, em Guararapes.

Valiam-se, também, os rebeldes, da emboscada, técnica eficaz na guerra de guerrilha, como afirma Prestes: "Usamos a tática de ir por emboscada, porque o terreno é muito acidentado e, ao mesmo tempo, de mata fechada. E, como nós tínhamos muito pouca munição, a ordem que se dava era a seguinte: esperar a tropa do inimigo, escondido ali, enrincheirado, e só atirar por ordem (...) Todo mundo tinha medo da emboscada."¹⁵

● Reconhecimento, vigilância e segurança

Essas ações eram executadas, principalmente, pelas potreadas, patrulhas que se tornaram os "verdadeiros olhos da Coluna", mantendo o contato com o inimigo, reconhecendo o terreno, vigiando e proporcionando o alerta oportuno sobre o adversário. Conforme salienta Moreira Lima: "Os potreadores se distanciavam muitas vezes, 30 a 50 léguas do grosso da Coluna, devassando grandes áreas, descobrindo o inimigo onde ele se achava, incomodando-o e trazendo-o sempre de sobressalto, na incerteza da nossa direção. A audácia dos potreadores não encontra nada que se lhe compare."¹⁶ A própria vanguarda

14. TÁVORA, Juarez. O combate de Ramada. Rio de Janeiro, 1928. ap. AMADO, Jorge. Vida de Luiz Carlos Prestes. O Cavaleiro da Esperança. pág. 109.

15. PRESTES, Anita L. ob. cit. pág. 163.

16. MOREIRA LIMA, Lourenço. ob. cit. pág. 136.

dos destacamentos organizados contribuiu, também, como elemento de segurança da Coluna, segundo atesta Ítalo Landucci: "Cabia à vanguarda o reconhecimento do terreno e o levantamento topográfico da frente e dos flancos, sendo as suas informações pontos básicos para a direção da marcha. Os croquis que remetia para o Q.G. continham todas as localidades, estradas e rios, com as respectivas distâncias em léguas (...) consideradas zona de temporária influência, através da qual a Coluna transitava em perfeita segurança."¹⁷

● Outras operações

A grande marcha empreendida pela Coluna Prestes e as experiências vividas ante o inimigo incerto, em ambiente físico variado, destacaram alguns procedimentos que, mais tarde, encontrariam semelhanças com as operações complementares consideradas pela Força Terrestre.

Assim, por exemplo, uma espécie de junção foi realizada, quando a coluna gaúcha, em movimento, e a coluna paulista, estacionária, encontraram-se no oeste paranaense.

As dissimulações, marca registrada da Coluna Prestes, que tanto confundiram e dificultaram a ação das forças legalistas, vieram compensar, para os

rebeldes, o poder relativo de combate que lhes era desfavorável.

Dentre as inúmeras situações ocorridas, destaca-se a manobra dissimulativa que ficou conhecida como "laço húngaro", executada em Minas Gerais (Fig. 4).

Nessa oportunidade, a vanguarda rebelde atraiu o inimigo para o sul, rompendo o contato com o mesmo e, posteriormente, foi juntar-se com os demais revolucionários na divisa com a Bahia, onde já estava a Coluna de volta.

Destacaram-se, ainda, como de uso freqüente pela Coluna, ações empreendidas, na maioria das vezes, de forma natural, instintiva, sem muito critério metodológico, e que atualmente possibilitam uma comparação com as operações psicológicas previstas na doutrina do Exército.

Assim, junto ao público interno, os integrantes da Coluna, exercício da liderança praticado pelos chefes, à base do exemplo, do conhecimento e da coragem fortaleceu o moral dos rebeldes, gerando, nos mesmos, atitudes e comportamentos que solidificaram o espírito-de-corpo do grupo, mantendo inabalável o ideal revolucionário.

No tocante ao público externo, principalmente as populações do interior, os líderes revolucionários exerceram ostensiva e intensa propaganda durante a marcha, explorando com oportunidade, continuidade e convicção, os feitos da Coluna, suas aspirações e seus sentimentos. Buscaram os rebeldes,

17. LANDUCCI, Ítalo. *Cenas e Episódios da Revolução de 1924 e da Coluna Prestes*, pág. 1609.

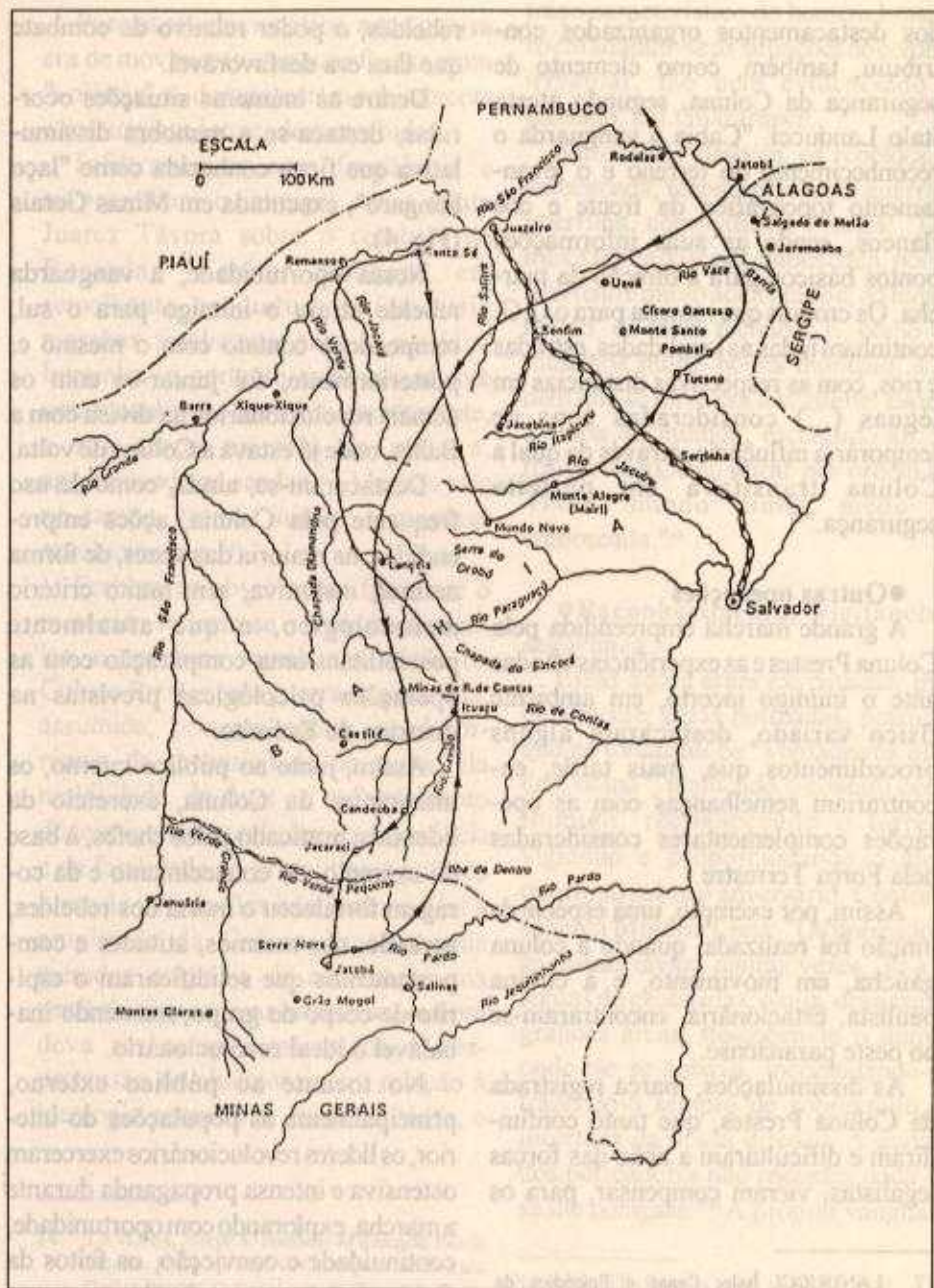


FIGURA 4: Manobra do "laço húngaro"

nesse público, a credibilidade e a simpatia, praticando ações que lhes assegurassem uma atitude favorável, como exemplifica Moreira Lima: "Goiás é a terra dos troncos, gargalheiras e palmatórias. Esses instrumentos de torturas povoavam as suas cadeias. Destruímos quantos deparamos, bem como as palmatórias existentes nas escolas públicas."¹⁸

E, mesmo assim, os revolucionários não lograram grande êxito na arregimentação de adeptos à sua causa, por motivos já expostos anteriormente. Infere-se, pois, que as ações psicológicas surtiram mais efeito no público interno do que no externo.

Princípios de Guerra

O caráter militar da Coluna Prestes externou procedimentos e soluções que permitem a sua projeção na atualidade e uma identificação com os mandamentos fundamentais da arte militar: os Princípios de Guerra.

Assim, a firme determinação dos revolucionários de impopularizar e enfraquecer o governo de Artur Bernardes, propiciando condições favoráveis à sua derrubada, possibilita o relacionamento com o *Princípio do Objetivo*.

A natureza dinâmica da Coluna Prestes e a opção pelo movimento as-

seguraram aos revolucionários liberdade de ação e facilidade para a adoção de condutas, em estreita correspondência com o fundamento da *Ofensiva*.

A prudente decisão de aceitar o combate somente nas situações favoráveis aos rebeldes, o emprego dos potreadores em ações isoladas e das vanguardas nos destacamentos conferiram ao comando revolucionário relativa liberdade de ação e prevenção contra a surpresa do adversário, o que permite caracterizar o *Princípio da Segurança*.

A atribuição da autoridade máxima da Coluna a uma só pessoa, o comandante Miguel Costa, a quem estavam subordinados o estado-maior e os destacamentos, possibilitou a unidade de esforço, pela coordenação de todas as forças em torno do mesmo ideal revolucionário, evidenciando, assim, o *Princípio da Unidade de Comando*. Como afirma Preste, "havendo unidade de comando, muito será aqui possível fazer. (...) Enfim, o que é imprescindível é a unidade de comando para os elementos que desde já podem combater."¹⁹

A mobilidade inerente à Coluna prestes reduzia a vulnerabilidade da força, assegurando-lhe, também, liberdade de ação, e compensava a desproporção do poder de combate em relação ao adversário, caracterizando,

18. MOREIRA LIMA, Lourenço, ob. cit. pág. 199.

19. PRESTES, Anita Leocádio, ob. cit. pág. 165.

pois o *Princípio de Guerra da Manobra*. A respeito desse fundamento, declara Juarez Távora: "A artilharia governista (...) abriu rigoroso fogo, à pequena distância, sobre a tropa de João Alberto. Era impossível insistir na ação frontal (...). A manobra — esse elemento formidável de combate que, manejado magistralmente por Luiz Carlos Prestes, tantas vezes deveria suprir a insuficiência dos recursos materiais de sua pequena tropa — foi, aí, o fator decisivo da vitória."²⁰

As manobras dissimulativas realizadas pela Coluna, a sua fluidez, as emboscadas e as informações seguras e oportunas proporcionadas pelos potreadores possibilitaram aos revolucionários, em diversas ocasiões, interferir na capacidade física e psicológica do inimigo para agir, materializando, pois, o fundamento da *Surpresa*.

Finalmente, a rejeição dos conceitos estereotipados da Missão Francesa e a própria insuficiência de meios que possibilitassem ações de maior complexidade resultaram em procedimentos objetivos e de fácil execução, o que, atualmente, caracteriza-se como o *Princípio da Simplicidade*. Procurava-se, pois, pelo exercício da imaginação, suprir as dificuldades e valer-se do que a Coluna possuía de mais nobre, o revolucionário, adotando-se manobras

simples e exequíveis, longe daquelas soluções difundidas pela Missão Francesa.

CONCLUSÃO

A Proclamação da República não trouxe modificações significativas que extinguissem os vícios e os desmandos do período monárquico, acentuando o inconformismo das classes subordinadas, ante a frustrada expectativa de maior participação na vida nacional.

O ambiente brasileiro era de grande insatisfação.

Esse clima atingia, também, parte da oficialidade do Exército Brasileiro, pois, além do descompasso profissional em relação às Forças Terrestres de países mais desenvolvidos, ele sentia os reflexos da situação vigente no País, como parcela integrante da classe média nacional.

O desagravo veio a acontecer sob a forma de revolução, insurgida por alguns oficiais que, pela baixa idade e por seu espírito aventureiro, passaram a ser designados "tenentes".

Se a revolta do Forte de Copacabana foi o despertar da consciência revolucionária dos "tenentes", a Coluna Prestes, por sua vez, pode ser considerada como um acontecimento militar de relativa importância, pois serviu de instrumento para disseminar as bandeiras de luta levantadas no País, mantendo latentes as condições favoráveis para que,

20. TÁVORA, Juarez. ob. cit. pág. 109.

posteriormente, ocorresse o episódio mais expressivo do "tenentismo": a Revolução de 1930.

Entretanto, embora sejam reconhecidos os objetivos pretendidos pela Coluna, os inúmeros exemplos de determinação e bravura e a sua dimensão nacional, ao término da grande marcha, não se observaram quaisquer resultados práticos que possibilitassem caracterizar a concretização de seus intentos.

Ressurge, então, aquela dúvida: lograra êxito ou fracassara?

A Coluna Prestes quis ser o agente de uma revolução feita por militares para o povo brasileiro, apoiada na interpretação da excepcionalidade institucional das Forças Armadas, prevista na Constituição, e por esse elitismo ela deixou de ser a promotora de uma revolução de cunho popular.

Pode ser considerada, a Coluna rebelde, como um grande feito militar, embora não correspondesse a uma revolta da instituição Exército Brasileiro, cuja maioria dos oficiais quase sempre ofereceu oposição ou, no mínimo, indiferença aos revolucionários.

A mobilidade militar, na intensidade em que foi valorizada e praticada pelos revolucionários, foi uma alternativa que excluiu outra, a da mobilização popular, perdendo, pois, a Coluna Prestes, a característica de movimento de massa.

Adquiriu, contudo, a Coluna, grande expressão nacional pela manutenção do clima favorável à Revolução de 1930 e pela projeção de homens que conduziram

esse movimento e que ingressaram na história contemporânea brasileira.

A Coluna destacou, ainda, Luiz Carlos Prestes no exterior, junto ao Movimento Comunista Internacional, embora a sua vocação marxista-leninista só tenha sido externada no exílio, após a dissolução da força rebelde.

Caracterizar, então, esse movimento, como vitorioso ou derrotado, depende de considerações acerca de sua história e da ótica como são analisados seus objetivos, seus feitos e seus personagens, pois, se militarmente ele pode ser considerado bem sucedido, politicamente não apresentou resultados imediatos, proporcionais ao grande esforço despendido.

É conveniente, portanto, que se deixe ao leitor esse julgamento.

No que se refere aos aspectos militares observados na grande marcha da Coluna Prestes, foi sensível a evidência de princípios e procedimentos, muitas vezes inovadores, em estreita correspondência com a doutrina de guerra ainda em vigor no Exército Brasileiro.

Na realidade, o caráter militar da Coluna foi desenvolvido e aperfeiçoado em decorrência, principalmente, da formação profissional de seus líderes, os "tenentes", avessos àqueles padrões ortodoxos e pouco criativos difundidos pela Missão Francesa.

Assim, a epopéia da Coluna caracterizou o confronto da guerra de movimento, adotada pelos "tenentes", com a guerra de posição, empregada pelo Exército.

Pode-se dizer, inclusive, que a essência militar foi de capital importância para a sobrevivência da Coluna Prestes, assegurada, entre outros aspectos, pela organização, disciplina, determinação e liderança, a par de uma grande dose de criatividade exercitada pelos chefes revolucionários.

O confronto da experiência militar dos revolucionários com a doutrina de combate atual ressalta que os Princípios de Guerra, quando cientificamente obedecidos, surtem grande efeito no ambiente operacional, reduzindo-se a parcela da incerteza, do risco e do insucesso.

Ademais, a experiência da Coluna comprovou a aptidão do homem brasileiro para o combate irregular e sua grande adaptabilidade às condições mais críticas, sendo capaz de atos de bravura e abnegação quando empenhado em uma causa que julga patriótica e justa.

Finalmente, a importância histórica da Coluna Prestes reside no fato de ter sido ela o principal agente do movimento "tenentista" e, embora não conseguindo abalar as estruturas do governo vigente, serviu para forjar a têmpera de homens

que, em 1930 e, mais tarde, contribuiriam pessoalmente para a condução dos destinos do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, Abguar. *Prestes e a revolução social*. 2ª ed. São Paulo, Hucites, 1986, 311 páginas.
- BRASIL. Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. *C 100-5. Operações*. 1ª ed. Brasília, 1988.
- C 33-1. Operações Psicológicas*. 2ª ed. Brasília, 1977.
- CARONE, Edgard. *O Tenentismo*. 1ª ed. São Paulo, Difel, 1975, 518 páginas.
- HAYES, Robert Ames. *Nação Armada: a mística militar brasileira*, 1ª ed. Rio de Janeiro, Bibliex, 1991, 266 páginas.
- LANDUCCI, Ítalo. *Cenas e Episódios da Revolução de 1924 e da Coluna Prestes*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1952, 212 páginas.
- MOREIRA LIMA, Lourenço. *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*. 3ª ed. São Paulo, Alfa-ômega, 1979, 631 páginas.
- PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991, 500 páginas.



Major de Infantaria FLORIANO PEIXOTO VIEIRA NETO. Possui os seguintes cursos: Formação, da Academia Militar das Agulhas Negras, Básico Pára-quedista, Mestre de Saltos, Precursor Pára-quedista, Aperfeiçoamento de Oficiais, Avançado de Infantaria em Fort Benning (EUA), Comando e Estado-Maior do Exército. Serviu nas seguintes Organizações Militares: 57ª BIMtz (ES), 27ª BIPqdt, CIPqdt GPB, 62ª BI e AMAN, como Comandante de Companhia e S/3 do Curso Básico. Atualmente serve no CMP/11ª RM.

A Fiat no Brasil: 13 empresas, grande sucesso. E carros muito avançados.



A Fiat Automóveis e seus funcionários: Apostando na Criatividade

Fiat, no Brasil, é sinônimo de carro. Natural: a marca brilha nos mais avançados automóveis e comerciais leves — e, embora a montadora esteja aqui instalada há apenas 17 anos, já é a segunda colocada do ranking no País. Convém lembrar, no entanto, que a Magneti Marelli/Weber, New Holland, FMB Produtos Metalúrgicos, Tutela Lubrificantes e a Sorin Biomédica também são Fiat, como outras cinco empresas, uma fundação e, claro, a holding que administra o Grupo, a Fiat do Brasil.

São oito empresas industriais e três

financeiras, a maioria delas desfrutando de liderança em seus setores — que passam pela fabricação de linhas de hemodiálise, blocos de motor, máquinas de movimentação de terra, óleos lubrificantes, carburadores, injeção eletrônica, e avançam no mercado financeiro, inclusive com um banco.

Desde que chegou ao País, em 1953, com a Fiat Allis — que, entre outros produtos, fabrica tratores de esteira e pás-carregadeiras — o Grupo Fiat investiu cerca de 2,5 bilhões de dólares, em valores históricos. E já gerou, até agora, mais

de 20 mil empregos diretos e outros 100 mil indiretos. O faturamento do Grupo, no ano passado, beirou os US\$ 2.2 bilhões, sendo US\$ 842 milhões provenientes de exportações. Esta cifra coloca a Fiat na posição de maior exportador privado do Brasil (detém 3% do total das exportações), um sucesso que já se repete há cinco anos.

Assim, a Fiat remete para o mundo a versatilidade, dedicação e capacidade de trabalho dos profissionais brasileiros, através de investimentos canalizados para o desenvolvimento de produtos, a renovação de processos e o aumento da capacidade produtiva. E, também, para o treinamento dos trabalhadores do Grupo, em todos os níveis.

Investiu-se, tanto no setor automobilístico quanto nos demais, cerca de 10% do faturamento global — e isso coloca as empresas do Grupo em uma situação de grande evidência em relação aos setores concorrentes, cujas marcas de investimento são habitualmente inferiores.

As empresas

Com empenho, criatividade e a implantação de um Plano de Qualidade Total, que busca a excelência em seus produtos, o Grupo Fiat alcança sucesso e crescimento em todas as suas empresas — a maior parte delas localizada em Minas Gerais. Lá, em Betim, está a Fiat Automóveis, que produziu mais de 310 mil veículos (do Mille ao Tempra) no ano passado, ou seja, 30,7% de todos os carros fabricados no País.

Na mesma cidade fica a FMB Produtos Metalúrgicos, que funde ferro e alumínio na forma de blocos de motor, cabeçotes etc., e tem presença assegurada nos mercados interno e mundial. Naquele município também está a Fiat Finanças Brasil, inaugurada em agosto passado com a missão de cuidar da gestão financeira (um movimento de cerca de US\$ 3 bilhões

anuais) e das questões legais e tributárias das empresas do Grupo.

Já em Contagem estão sediadas a Fiat Allis Latino Americana, líder nacional na produção e comercialização de máquinas rodoviárias, e a Tutela Lubrificantes, que fabrica óleos e filtros automotivos e cresceu a sua produção em 23,5% nos últimos dois anos.

Belo Horizonte abriga duas empresas Fiat: a Fides Corretagens de Seguros, uma das cinco maiores corretoras de Minas em 1992, e a Fundação Torino, mantida pelo Grupo e que oferece a crianças e adolescentes o Instituto Ítalo-Brasileiro Galileo Galilei, uma escola com padrões europeus de ensino.

Outras quatro empresas Fiat estão instaladas em São Paulo, além da *holding*, sediada na Av. Paulista. Uma delas: Empresas Financeiras Fiat, formadas por um banco, uma administradora de consórcios e uma empresa de *leasing*, e que em 1992 movimentaram cerca de US\$ 1,3 bilhão nas 16 agências espalhadas nas mais importantes capitais do País.

A Magneti Marelli Weber, a ABC Autrônica e a Sorin Biomédica também estão em São Paulo. A primeira lidera o mercado nacional e o latino-americano de carburadores, e a segunda, uma *joint venture* com a Magneti Marelli/Weber inaugurada em julho deste ano em Campinas, fabrica circuitos eletrônicos para sistemas de injeção eletrônica de veículos e de telefonia. Quanto à Sorin, triplicou a fabricação de produtos para hemodiálise no ano passado.

Finalmente, em Curitiba (PR), a última empresa Fiat no Brasil. É a New Holland Latino Americana, líder histórica no mercado nacional de colheitadeiras e a caminho de alcançar a liderança também no segmento de tratores.

FIAT

Fiat do Brasil S.A.